

Tecidos Andinos: as tecnologias no tecido andino da poética de Sandra Berduccy e pesquisa da Denise Y. Arnold e Elvira Espejo numa conexão com a comunidade boliviana na cidade de São Paulo

Palavras-Chave: TECIDO ANDINO, INDÍGENAS, MIGRAÇÃO BOLIVIANA

Autoras:

TANIA ROSANA CARITA SAHIRE, IA - UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SELMA MACHADO SIMÃO (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Os tecidos andinos possuem um grande diversidade, tanto referente às técnicas que a envolve, como também aos locais de onde pertencem, ou seja, na região andina dentro dos territórios indígenas, onde cada um possui sua característica. Por este motivo, coube realizar um recorte do estudo do tecido andino contendo análises, resultados e discussões, as quais Elvira Espejo e Denise Y. Arnold trazem nas bibliografias “Ciencia de las Mujeres, experiencias en la cadena textil desde los ayllus de Challapata.”, “Ciencia de tejer en los Andes: estructuras y técnicas de la faz de urdimbre.” e “El textil tridimensional: la naturaleza del tejido como objeto y como sujeto.” Este recorte foi feito para compreender principalmente os processos históricos, as tecnologias atuais, as tecnologias ancestrais e a cadeia produtiva.

As diversas etapas que envolvem o têxtil andino possuem diversas tecnologias e conhecimentos que vão desde a criação dos animais, recolhimento da fibra, processo de tingimento, feita da tecelagem, até a obtenção do produto final e venda. Em relação à cadeia produtiva percebeu-se que a que as comunidades indígenas deixaram de realizar alguns cuidados essenciais com o rebanho de animais da região como alimentação e a reprodução, os quais tiveram como fator principal, a migração das pessoas das comunidades às cidades e com o passar do tempo, os produtores foram se esquecendo de práticas que eram fundamentais para ter uma boa qualidade da fibras das lhamas e alpacas (ARNOLD; ESPEJO, 2019, p. 73).

Os impactos ambientais e ecológicos a longo prazo não são levados em conta, ou seja, o que esta prática pode causar. Assim, deve se pensar numa outra forma de capitalismo em que no caso Denise Y. Arnold traz o conceito de “glocal” de Arturo Escobar que seria fortalecer a economia existente nas regiões para que se volte a ter um desenvolvimento desde a localidade mas que também sejam globais (2000, apud ARNOLD; ESPEJO, 2019, p. 19).

Engana-se aquele que pensa que o sujeito indígena terá as soluções para os problemas que causam as formas de desenvolvimento não sustentável ao meio ambiente por acreditar no essencialismo do ser indígena ligado à terra, pois tais problemas têm um histórico muito anterior (ARNOLD; ESPEJO, 2019, p. 21).

Assim, os contextos históricos da região influenciaram a forma do fazer do têxtil andino. Por exemplo, no período colonial o tecido andino torna-se um valor mercantil e isto teve impacto na tradição das comunidades uma vez que as sociedades indígenas tiveram que se rever e se remodelar dentro de suas tradições culturais e identidades pelo processo da colonização (VIDAS, 2002, p. 32).

A presença dos teares mecânicos na Bolívia na cidade de La Paz se dá por volta do final do século XIX, a qual tinha como matéria prima lã acrílica e tintas industriais (ARNOLD; ESPEJO, 2013, p. 37). A isto se deve às altas demandas do mercado exterior e logo se introduz no têxtil andino novas tecnologias com influência europeia, mas que no entanto acabam impactando a técnica na produção industrial e no artesanato. Ao atender as necessidades de consumo externo e o fato dos turistas observarem apenas a parte estética do tecido andino e não a técnica elaborada que as peças possuíam, as tecelãs optaram por simplificar e conseqüentemente reduziram o tempo na produção (ARNOLD; ESPEJO, 2019, p. 16).

No entanto, nos territórios indígenas dos Andes as iconografias produzidas ao longo do tempo se apresentam nas formas figurativas e abstratas. Um tipo de composição de cor e desenho são características de uma determinada região e determinados desenhos iconográficos são regionais. Atualmente podemos ver tecidos andinos com técnicas complexas presentes dentro das comunidades no

consumo interno.

Estes conhecimentos e aprendizados ancestrais como dito anteriormente, são passadas de geração em geração e são poucas as tecelãs que conseguem desenvolver a forma mais complexa no têxtil tridimensional o “Kimsa chuymanti luranta” (ARNOLD; ESPEJO, 2013, p. 56) que se pode traduzir como “elaborada com três corações. O tecido andino não se limita ao bidimensional que seria a sua superfície, pelo contrário, ao realizar o tecido andino é necessário pensar em como é a relação de quem faz o tecido com o meio que vive, logo dos aspectos subjetivos do entorno. Podemos pensar também na relação profunda da tecelã com a cosmovisão e espiritualidade andina. Logo, os tecidos andinos são documentos e podem nos contar mais sobre a região que pertence desde sua história, modo de fazer, cosmovisão andina, memória, ancestralidade e tecnologia que os envolvem. Assim, os tecidos encontram-se vivos e sofrem mudanças ao longo do tempo e nos trazem muitas informações sobre suas existências.

Em relação a presença dos tecidos andinos na comunidade boliviana na cidade de São Paulo podemos ver presentes de uma maneira “viva”, o qual é o fenômeno relevante para esta comunidade com um símbolo de resistência cultural e para uma parte também enquanto identidade. Além disso, este tecido é muitas vezes o primeiro contato visual que remete a ancestralidade indígena andina para os bebês e crianças, isto quando as mães usam para carregá-los. Esta ação remete a uma prática presente nos territórios indígenas andinos e que também podemos ver em alguns lugares de concentração da comunidade boliviana no estado de São Paulo.

A comunidade boliviana é uma das maiores na cidade de São Paulo, a qual mostra sua presença e manifestação cultural em muitos lugares e em alguns pontos de concentração como veremos mais adiante. A cidade tem um fluxo migratório muito grande devido à oferta de empregos, tanto formal quanto informal.

Assim, a imigração boliviana se caracteriza no primeiro momento com o perfil de pessoas que saíam da Bolívia para estudar e outros por motivos econômicos e políticos para o Brasil nos anos de 1950 (BAENINGER, Rosana (org) *et al*, 2012, p. 83), já no segundo momento nos anos de 1990 o perfil desses imigrantes eram pessoas que sofreram o êxodo rural e desemprego urbano na Bolívia (BAENINGER, Rosana (org) *et al*, 2012, p. 156) e buscaram outros países para ter uma qualidade de vida melhor. Por este motivo veem o Brasil como um lugar de potencialidade de construção de sonhos, metas de vida e acolhimento, mas no entanto chegando aqui se deparam com outra realidade repleta de dificuldades. Acabam se submetendo a aceitar trabalhos, na maior parte serviços terceirizados de um sistema laboral formado através de uma grande exploração de obra da mão imigrante, chegando até a situações de trabalho análogas à escravidão.

Com a Lei de Anistia Migratório no ano de 2009 foram registrados 41.000 imigrantes que realizaram a sua regularização de documentação e permanência, desses dados o maior registro foi da imigração da comunidade boliviana marcando 17.000 (BAENINGER, Rosana (org) *et al*, 2012, p. 75). Além disso, o consulado boliviano afirma que há em torno de 350 mil imigrantes em que 75% dessa população esteja localizada na cidade de São Paulo (CARVALHO, 2018, p. 94). No entanto, devido a falta de regularização documentária os imigrantes bolivianos que se encontram no Brasil na sua totalidade é maior aos censos oficiais, já que estes não entram na contagem.

Na cidade de São Paulo podemos ver a presença boliviana em vários lugares, pois se antes víamos estes na região central da cidade, hoje vemos que eles se encontram espalhados nas periferias e nas cidades da região metropolitana de São Paulo (BAENINGER, Rosana (org) *et al*, 2012, p. 125). No entanto, podemos ver a concentração da presença da comunidade boliviana em alguns pontos na cidade de São Paulo, como a praça Kantuta, Rua Coimbra e nas festividades e celebrações culturais que estes realizam como o Alasita, Carnaval, comemoração da independência da Bolívia, ano novo andino, amazônico, del chaco e afro descendentes e entre outros que são realizados ao longo do ano, logo tendo um calendário anual de festividades e comemorações.

Por este motivo apesar da contribuição de riqueza cultural que a comunidade boliviana oferece ela também acaba sendo alvo de discriminação e violência pelo Estado na falta de políticas públicas que possam proteger estas pessoas. Em que tais violências são geradas devido aos estereótipos que existem no imaginário da sociedade brasileira em relação a comunidade boliviana e tais violências podem ser identificadas como a xenofobia e racismo que esta população é alvo.

Então cabe por parte do Estado brasileiro e da cidade de São Paulo há ainda muito que realizar para acolher e inserir imigrantes e principalmente os racializados de uma maneira melhor, tendo como foco a melhora dos direitos básicos como saúde, moradia, educação e trabalho digno. No entanto este assunto faz com que o país toque no tema da questão multicultural, o qual está presente em muitas nações e ignoradas por elas devido a uma política de origem ocidental ou influenciada por ela, que muitas vezes tem um caráter conservador e esta questão é desconsiderada ou negligenciada porque abre questões do que seria uma “tal” identidade nacional (HALL, 2003, p. 100).

METODOLOGIA:

A pesquisa teve como objetivo compreender e analisar como as tecnologias presentes no tecido andino encontram-se na contemporaneidade na comunidade boliviana na cidade de São Paulo. Para isto, realizou-se entrevistas com cinco participantes indígenas que se encontram em contexto urbano da comunidade boliviana, houve a troca de instituições de pesquisa, assim realizou-se o cancelamento e interrupção da pesquisa IC - PIBIC com bolsa do CNPq após a entrega do relatório parcial pela IC - FAPESP com bolsa.

No decorrer da pesquisa abordou-se discussões teóricas e conceitos sobre interculturalidade, multiculturalidade, etnicidade, multiétnicos, multiracial, hibridismo, globalização, identidade, saberes ancestrais indígenas, cosmovisão indígena, imigrações forçadas, livres e outros contextos, espiritualidade indígena, estruturas raciais e homogêneas, e universalismo.

Assim, foi necessário fazer um levantamento bibliográfico e fichamento desses conceitos para compreender o tema a ser pesquisado de uma forma ampla, abordando-se processos históricos, raciais e sociais sobre a população boliviana na Bolívia, bem como entender o processo de imigração para o Brasil. Outro ponto a ser abordado trata da relação a poética de Sandra Aruma do fazer textil na arte contemporânea para compreender como os tecidos que se reinventam e encontram-se “vivos” nas sociedades indígenas andinas fazendo uma “ponte” entre os indígenas andinos imigrantes em São Paulo através das análises das respostas e dados das entrevistas realizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O tempo dedicado à pesquisa pelo programa PIBIC foi extremamente fundamental para sua elaboração da pesquisa, pois foi possível entender mais sobre as questões que atravessam os tecidos andinos, comunidade boliviana imigrante, indígenas andinos presentes em São Paulo, tecnologias, tecnologias ancestrais e estruturas de poder tanto da Bolívia como no Brasil. A seguir serão elencadas as análises e reflexões desenvolvidas no trabalho de pesquisa.

Os tecidos andinos são símbolos da identidade ancestral da região andina que pode nos contar mais sobre a população indígena andina, perpassando desde sua cosmovisão, identidade, cultura, tecnologia, ciência e saberes. Eles são documentos históricos, pois é através deles que entendemos em que contexto histórico encontram-se e o que estes podem nos contar a respeito dos indígenas andinos. Nas análises sobre os dados da pesquisa, constatamos que no Brasil a presença da comunidade boliviana com sua população indígena pode contribuir para questões de repensar a racialização e políticas públicas no país como veremos mais adiante. Em que “minorias étnicas” se formam enquanto comunidades culturais e fazem a manutenção de costumes e práticas sociais distintas à cultura local sendo assim a sua relação com o local de origem se mantém e existem (HALL, 2003, p. 72).

A questão identitária indígena na Bolívia enquanto sujeito político é de suma importância para pensar nos processos históricos que atravessam e também para relembra as lutas e principalmente ações políticas que carregam estes corpos (MACUSAYA, 2019, p.136). No caso dos indígenas que se encontram em mobilidade no Brasil e mais especificamente no estado de São Paulo, onde existe maior concentração da imigração boliviana, com o andamento da pesquisa foi possível levantar algumas questões para refletir e pensar como se encontram estas pessoas na atualidade. E quais são seus contextos? Trata-se de alguém aldeado, território (comunidades originárias indígenas) ou urbano? Como o Estado brasileiro os vê? Como as instituições públicas do Estado percebem estes corpos? São de fato inúmeras questões e precisa-se com urgência falar sobre a etnicidade e/ou racialização dos indígenas urbanos que se encontram em mobilidade no Brasil como por exemplo os aymaras e quechuas da comunidade boliviana, que na atualidade estão já na sua terceira geração no, logo temos indígenas aymaras e quechuas brasileiros e que não são reconhecido pelo Estado enquanto povo originário, tal demanda e problemática também é atravessada pelos indígenas urbanos brasileiros que se encontram em retomada, em que existe um apagamento contínuo pelo Estado a estes corpos.

Identificar a racialização indígena em comunidades imigrantes se faz necessária e relevante para que não se reproduza e se mantenha o etnocídio, o qual coloca fim às práticas ligadas à ancestralidade desde costumes, língua, cultura e conhecimentos. Por este motivo é preciso estar atento às sutilezas que envolvem a imigração e suas complexidades que o rodeia para não fortalecer o desaparecimento dos povos originários indígenas, mas pelo contrário buscar formas de fortalecer essa identidade e diversidade dentro da sociedade brasileira através de construções de políticas públicas que garantam a sua qualidade de vida e direitos básicos.

As migrações na contemporaneidade e as diversas trocas culturais entre as sociedades no mundo, são práticas muito antigas da humanidade. A formação de sociedades multiculturais e multiétnicas são possíveis de serem vistos nos mais diversos contextos históricos como por exemplo nos impérios grego

romano , islamico, otomano e europeu (HALL, 2003, p. 60). No entanto, o ocidente se contradiz no que diz respeito a ser uma sociedade democrática pois em suas ações têm práticas homogêneas que partem de uma origem, ou seja de um particularismo e o qual torna-se um universalismo segundo Laclau (1996, apud HALL, 2003, p. 100), com isto se coloca como modelo e impõe formas de ser e estar no mundo enquanto um particularismo ocidental que se torna um universalismo global (HALL, 2003, p. 100).

Acrescenta-se a isso as problemáticas da hegemonia cultural que faz com que as culturas locais possam ser “engolidas” devido a forte padronização e homogeneização que a cultura ocidental mais em específico a cultura americana traz através da “McDonald-ização” ou bem como a “Nike-zação” de tudo (HALL, 2003, p. 50). Em que culturas locais estejam o tempo todo negociando a suas características e cultura, não que elas sejam imutáveis, pelo contrário elas se encontram em movimento junto com as mudanças da sociedade.

Podemos perceber por exemplo a concepção de indígenas que reproduzem o desejo de ser e atuar como “branco” que dentro da perspectiva de Davi Kopenawa e Carlos Macusaya, é onde existe uma contradição paradoxal. Para Davi Kopenawa (2015) faz com que os jovens indígenas ao quererem ser brancos encontram-se num momento em que “A mente dos rapazes que querem virar brancos está cheia de fumaça! É por isso que, quando me tornei adulto, decidi guardar em mim os dizeres de nossos avós, mesmo se eles morreram há muito tempo.”(KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 120), isso faz com que estejam confusos com sua existência e pertencimento no mundo, já para Carlos Macusaya (2019) o processo de embranquecimento alimenta o auto-ódio e reprodução de racismo por indígenas para indígenas e consequentemente fortalecer as estruturas de poder, pois apesar de terem os fenótipos marcado (então características que atendem ao estereótipo e imaginário indígena), estes tentam se afastar de seus semelhantes para poder ter ascensão social (MACUSAYA, 2019, p. 120).

A isto deve se levar em consideração as discussão de racialização e questionamento as estruturas de poder predominantes na sociedade da Bolívia que se intensificam por volta da década 60 em que veremos mais adiante como os movimentos de origem indígena reivindicam e trazem tais discussões em suas bases, também é por volta desse período que há maior êxodo rural para as cidades. Vale ressaltar que a migração não se fecha somente na lógica do êxodo rural na Bolívia, mas sim na forma que os territórios indígenas e as cidades se relacionam (GONÇALVES, 2023, p. 53).

Os movimentos Indianismo e Katarista da Bolívia surgem por volta da década de 60 e 70 respectivamente (MACUSAYA, 2019, p. 65), os quais são compostas pelas populações originárias com o intuito em que o sujeito “índio” tenha consciência de sua condição social e racial na sociedade boliviana e lute pelos seus direitos como sujeitos “politizados”. Sendo o primeiro movimento um tanto mais radical que o segundo. Em relação ao termo “índio” é o mais usado entre os Indianistas e Kataristas, não se usa “indígena” pois estes entendem que essa palavra tem relação dada pelas estruturas dominantes para se referir aos sujeitos racializados indígenas (MACUSAYA, 2019, p. 66). Assim podemos notar que existe diversas formas para se referenciar aos sujeitos indígenas e depende de contexto histórico dos países por exemplo no Brasil a palavra “indígena” é o termo mais aceito e respeitoso para se referir aos povos indígenas, mas independentemente destes termos em ambos lugares nas Américas existem pessoas que não preferem ser chamado por nenhuma dessas palavras mas sim serem identificados pelo nome do povo que pertencem.

A população indígena na Bolívia segundo o “Censo Nacional de Población y vivienda” depois acontecimentos histórico da guerra do gás e da água no anos entre 2000-2003 mostram que 62% da população boliviana era de origem indígena, mas o censo realizado no ano de 2012 mostrou que era 41%, esta diferença se deu devido a não considerar os indígenas urbanos presentes nas cidades da Bolívia (GONÇALVES, 2023, p. 201). Este acontecimento mostra o quão importante é reconhecer os indígenas que se encontram nas cidades porque os dados da população indígena que temos na atualidade no Brasil não são condizentes com a realidade, o qual exclui indígenas em mobilidade e indígenas brasileiros.

No entanto, quanto mais claro ficam estas questões para as populações, comunidades e sociedades que sofrem com estes atravessamentos melhor será a forma de achar caminhos para pensar em políticas públicas para reivindicar direitos básicos. Pensar sobre multiculturalidade e etnodiversidade para mudar as estruturas de opressão pelo Estado em relação aos grupos minoritários se faz necessário, porque apesar de colocar em questão a dita cidadania universal e a neutralidade cultural que tem por bases do universalismo liberal ocidental se faz cada vez mais presente nos Estados nacionais (HALL, 2003, p. 85-86).

Com isso podemos ver que países multiculturais existem, mas alguns ainda não conseguiram contemplar todos os cidadãos presentes no território nacional, consequência de como a história foi e está sendo construída. Mas ainda há tempo para pensar em outros caminhos e possibilidades como por exemplo na América do Sul a própria Bolívia e o Equador se tornaram países plurinacionais, reconhecendo todos os povos pertencentes no país e o Chile por pouco também se tornou, e claro que não podemos

afirmar que não existe falhas dentro deles mas na atualidade são referências na América do Sul para pensar numa sociedade multicultural e multiétnica.

CONCLUSÕES:

O tecido andino como vimos encontra-se em constante movimento, o qual é influenciado pelas técnicas e tecnologias presentes no seu contexto atual. Pode ser visto por exemplo através da poética de Sandra Aruma, a qual relaciona as práticas ancestrais andinas com as tecnologias presentes na contemporaneidade com o uso da fibra óptica na confecção de “telares sensoriais”.

As pesquisas de Denise Arnold e Elvira espelho nos mostram como vieram trabalhando com territórios indígenas na Bolívia e pensaram na construção de ações continuadas com o objetivo de fortalecer e usar as tecnologias contemporâneas para fortalecer as práticas culturais, memória, ancestralidade e identidade desses territórios. Com isso realizaram a construção dos softwares InaSawu e Sawu 3D que foram desenvolvidos no ano de 2009 para visualizar, replicar, catalogar e documentar as mais diferentes formas do fazer andino nesse processo de sistematização e catalogação (ARNOLD; ESPEJO) tendo como principal referência às línguas indígenas locais para entender os conceitos do fazer têxtil manuais, assim afirmando que os territórios indígenas são fontes de conhecimento e que tal construção só foi possível devido ao trabalho realizado em conjunto com a população local desses territórios.

Assim, o não reconhecimento dos indígenas em mobilidade ou imigrantes pelo Estado brasileiro só retarda esta discussão, o qual precisa ser discutida e trabalhada porque na atualidade como vimos não se pode pensar mais em Estados-nações homogêneas, devido às imigrações recorrentes que existem sendo elas de livre vontade, forçadas ou outros contextos específicos.

BIBLIOGRAFIA:

ARNOLD, Y. Denise; ESPEJO, Elvira. **Ciencia de las Mujeres, experiencias en la cadena textil desde los ayllus de Challapata**. 2. ed. La Paz: ILCA, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/textileresearch/3/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

ARNOLD, Y. Denise; ESPEJO, Elvira. **Ciencia de tejer en los Andes: estructuras y técnicas de la faz de urdimbre**. 2. ed. La Paz: ILCA, 2019. Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/textileresearch/2/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

ARNOLD, Y. Denise; ESPEJO, Elvira. **El textil tridimensional: la naturaleza del tejido como objeto y como sujeto**. 1. ed. La Paz: ILCA, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7581270/El_textil_tridimensional_pautas_hacia_la_naturaleza_del_tejido_como_objeto_y_como_sujeto. Acesso em: 26 jan. 2023.

BAENINGER, Rosana (org) et al. **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012.

BERDUCCY, Sandra. **e-aruma**: Técnicas textiles tradicionales andinas como tecnología y la energía que las activa. Bolívia, 2019. Disponível em: <https://sandradeberduccy.com/proyectos-2/e-aruma/>. Acesso em: 5 dez. 2022.

CARVALHO, O. Francione. **A cultura boliviana na escola e o “fazer especial” como ampliação e descolonização da experiência estética**. Macapá: PRACS, 2018. Disponível em: <https://www.readcube.com/articles/10.18468%2Fpracs.2018v11n1.p93-103>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GONÇALVES, Mayra Barbosa Chryslen. **Epistemologias manchadas: mestiçagem e sujeitos políticos da descolonização na Bolívia Andina**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ape"Ku, 2023.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades Mediações Culturais**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2003.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KRENAK, Ailton. 1 Vídeo (1h 22m 9s). **O Truque Colonial que Produz, o Pardo, o Mestiço e outras categorias de Pobreza**. Publicado pelo canal TV Tamuya, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dvijNR9Nbgo>. Acesso em: 2 jan. 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACUSAYA, Carlos. **Batalhas por la identidad: Indianismo, Katarismo y descolonización en la Bolívia contemporánea**. 1. ed. Peru: Editora Hwan Yunpa, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-142.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

VIDAS, A. Anath. **Memoria textil e industria del recuerdo en los Andes: identidades a prueba de turismo en Perú, Bolívia y Ecuador**. 1. ed. Quito: Abya Yala, 2002.